

## **A paisagem do norte de Portugal no diário de Dorothy (Wordsworth) Quillinan (1847)**

Clara Paulino

Propomo-nos divulgar e analisar, no contexto da literatura de viagem sobre Portugal de fins do séc. XVIII a meados do séc. XIX, as descrições de paisagens nortenhas da autoria de Dorothy (Wordsworth) Quillinan (1804-1847), filha do poeta romântico inglês William Wordsworth. *Journal of a few months' residence in Portugal and glimpses of the South of Spain* (pub. 1847), o diário que escreveu durante a estada no país entre Maio de 1845 e Abril de 1846, é uma obra de grande importância para o estudo da paisagem de algumas regiões do norte, bem como do seu património físico e cultural.

Ao publicar este diário, Quillinan declara que a sua intenção é alertar os seus compatriotas para a "extraordinária circunstância" de ser ainda possível encontrar novidades no Velho Mundo, "numa região que fica a três dias de viagem da Ilha de Wight (...)". E, acrescenta, "não existe nenhum país na Europa que nos seja tão completamente desconhecido, nenhum que, na verdade, tenha sido explorado pelos turistas de forma mais imperfeita". Mulher culta, conhecedora de muita da literatura de viagem que então se produzia nas Ilhas Britânicas, bem como do gosto do público leitor que a consumia, Quillinan propõe-se desvendar esta região portuguesa aos súbditos britânicos e simultaneamente, tal como afirma, convencê-los da injustiça dos seus preconceitos.

Nas duzentas e quarenta e duas páginas do Volume I descreve os seis meses de residência em S. João da Foz. Dotada de apurada sensibilidade literária e de uma singular capacidade de observação, regista os passeios por zonas como o Cabedelo, a Cantareira, Matosinhos, Leça, ou o Mindelo. São-lhe particularmente agradáveis as deambulações pelas margens do Douro, com os seus jardins suspensos cheios de belas flores, pequenos cais cobertos de vinha, socalcos com caramanchões, casas de quintas de telhados salientes e irregulares, varandas e miradouros, e ainda as igrejas, capelas e adros coroando os locais mais elevados com as suas cruces de pedra. Encantam-na também as paisagens da "província de Douro e Minho" e locais como Vila do Conde, Ponte do Lima, Viana e Guimarães.

Embora Quillinan se detenha por vezes na descrição de pequenas cidades, pessoas e costumes, é à paisagem natural ("natural scenery"), inspiradora de passagens que ela própria classifica de "pura descrição poética", que dedica grande parte das páginas deste diário. Assim, este distingue-se de muita outra literatura de viagem dos séculos XVIII e XIX que, geograficamente, privilegia Lisboa e arredores e, do ponto de vista temático, a paisagem urbana e o património construído.

A comunicação propõe-se contextualizar o "olhar" de Quillinan, patente em inúmeras descrições e comentários, relativamente às tendências literárias, artísticas e culturais da Europa, e, muito em particular, das Ilhas Britânicas de meados do séc. XIX.